

ÁLVARO KASSAB

kassab@reitoria.unicamp.br

O professor e historiador Edgar de Decca assume nesta semana uma cátedra da Unicamp no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), em Lisboa. Escolhido através de concurso, De Decca leva na bagagem uma tese de mestrado inédita de Sérgio Buarque de Holanda, descoberta por ele em garimpagem feita no acervo confiado à Unicamp pela família do intelectual paulistano.

Defendida em 1957 na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, a peça, intitulada **Elementos formadores da sociedade portuguesa na época dos descobrimentos**, é mais que um relato detalhado da atmosfera cosmopolita que impulsionou a grande aventura levada a cabo pelos colonizadores. Na avaliação do próprio De Decca, o documento aprofunda, 20 anos depois, aquilo que a obra buarquiiana esboçara em **Raízes do Brasil**, clássico que trouxe à luz os elementos formadores da nossa sociedade. “Há uma linha de continuidade fantástica entre as duas obras”, avalia De Decca.

A tese de Sérgio Buarque integra o programa que o historiador levará a Portugal, cujo recorte cronológico contempla o período compreendido entre a Independência e as obras dos intelectuais que emergiram na década de 30



Sérgio Buarque: busca da identidade nacional

na historiografia brasileira. A literatura, sobretudo os autores do Romantismo e do Modernismo, ocupa da mesma maneira um papel importante no curso a ser ministrado de outubro a dezembro pelo professor do Departamento de História da Unicamp. O professor vislumbra na ficção um elemento imprescindível

para as coisas do rigor historiográfico.

Em síntese, De Decca vai transitar física e intelectualmente no território que forjou nossa identidade, embutidas aí as contradições de uma relação marcada pela tensão permanente, como ele próprio lembra. Estão nela, ainda segundo De Decca, “o amor e a hostilidade, o pai que nos aconchega e o pai que nos vira as costas”. Nessa gincana dialética, o filho nem sempre assimila o legado sugerido pelo pai. Muitas vezes rebela-se contra o mandato que prevê o surgimento de uma nova civilização, rompe com as tradições e

parte em busca de uma linguagem e de uma cultura que o distancie das matrizes ibéricas.

Um problema insolúvel? Seria, diz o professor, caso não existisse o universo da história. É a reboque dele, e de sua respectiva narrativa, que De Decca constrói seu trabalho. O historiador não esconde o fascínio que nutre pelos elementos que constituíram nossa identidade. “Tenho um interesse especial pela maneira como essa história foi contada e construída para nos aproximar e nos distanciar desse pai que ora idealizamos, ora rejeitamos”, revela.

Tal afinidade permeia a trajetória intelectual do pesquisador. Em 1981, por exemplo, De Decca lançou 1930 – O Silêncio dos Vencidos (Brasiliense, 8ª edição), obra que colocou em suspeição parte das abordagens de então. De Decca subverteu a ordem ao mergulhar em arquivos e privilegiar fatos que marcaram a história da Revolução de 30 a partir de uma outra ótica, a do movimento sindical, desprezando a versão difundida pelas elites.

Uma aposta, revela o historiador, desenvolvida no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, cujo papel foi paradigmático no cenário da historiografia brasileira a partir de meados da década de 70. A história passou a ser contada de uma outra maneira. Inclusive pela voz dos vencidos excluídos.

ENTREVISTA: EDGAR DE DECCA

Edgar de Decca leva a Lisboa o Brasil que descobriu Portugal

Jornal da Unicamp – O senhor vai se ater em que período da história na cátedra?

De Decca – O ponto de partida é o momento chave da questão da formação dessa idéia de Brasil, que ocorre a partir do século 19, quando o país se transforma numa nação independente. Ainda que seja com o concurso de um imperador português. Entra aí a figura do pai...

JU – Avança para o terreno da psicanálise?

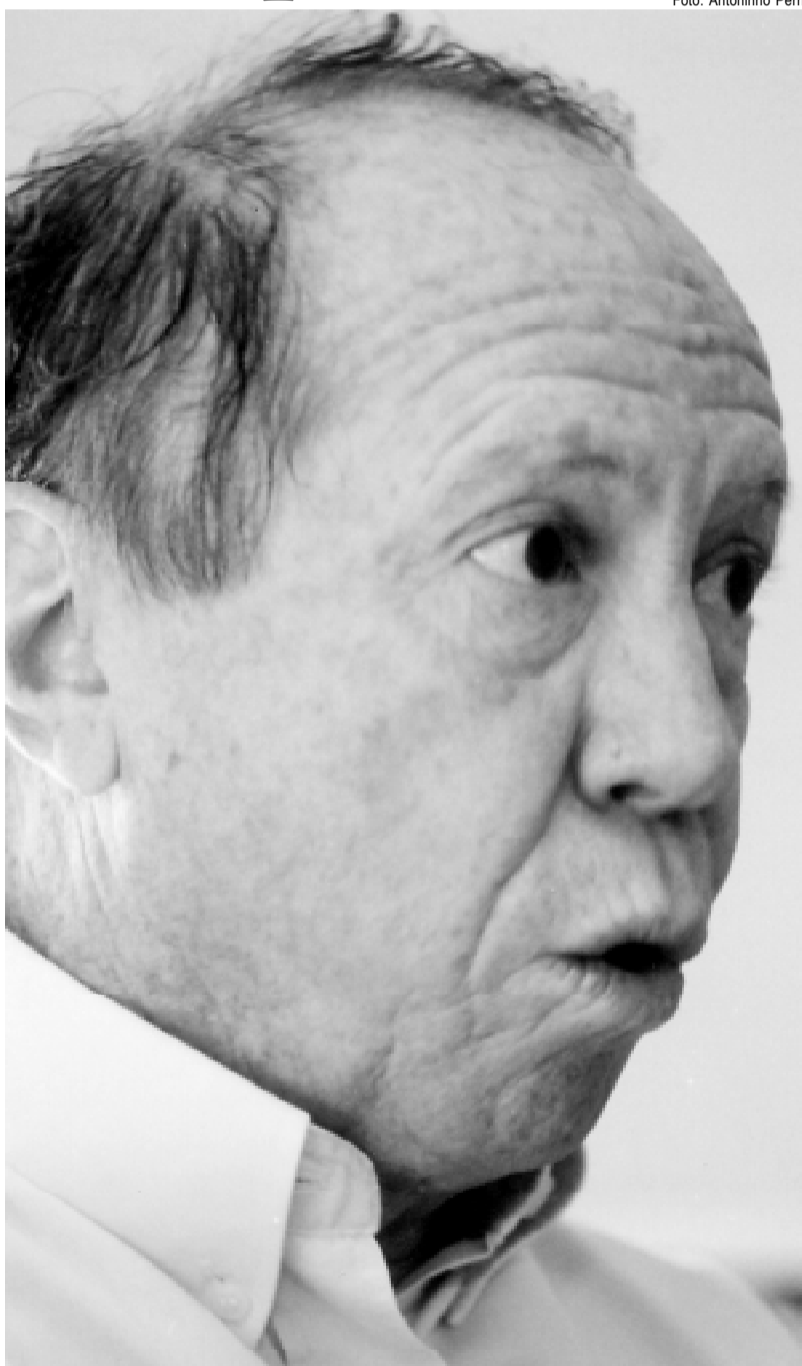
De Decca – É quase isso. Trata-se de uma figura importante. A própria nacionalidade brasileira tem que ser construída por um imperador que ficaria por um certo tempo e nos deixaria com o herdeiro, para que a continuidade dessa relação, quase que de cunho freudiano, se mantivesse. Essa idéia da identidade constituída no momento da formação do estado nacional brasileiro é o que mais me atrai. O ponto de partida é esse. Todos os movimentos que de uma certa maneira culturalmente nos aproximam, nos distanciam ou nos dilaceram, são oriundos desse momento de instituição da idéia de nação, de território, de povo, que o século 19 vai procurar forjar. Evidentemente vou cotejar todo esse movimento cultural até aquilo que mais me atrai, que é exatamente a década de 1930, quando os pensadores brasileiros atuam sistematicamente. Essa é outra parte da minha pesquisa, que revisita por exemplo a obra de Sérgio Buarque de Holanda, sobretudo quando ele escreve *Raízes do Brasil*. Ao buscar nossas raízes, Sérgio vai encontrá-las no mundo ibérico.

JU – Onde o senhor vai buscar os elementos que acabaram por constituir a nossa identidade?

De Decca – Busco nessa longa trajetória que vai da formação do estado nacional até um repensar do Modernismo brasileiro na figura de Mário de Andrade e Oswald de Andrade, em Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior e, sobretudo, em Sérgio Buarque.

JU – O senhor incursiona também no território da literatura.

De Decca – Sem dúvida, desde o Romantismo brasileiro, que teve como tarefa construir uma literatura que se distinguisse da literatura portuguesa. Pelo menos se pretendeu vincular nossa literatura aos cânones do Iluminismo, do Romantismo e de outras praças e de outros centros culturais, como foi o caso da França, que nos serviu como modelo literário durante todo o século 19. Análise o romance histórico brasileiro, principalmente a partir de José de



O professor Edgar de Decca, que inaugura cátedra em Portugal: novas abordagens

Alencar até chegar ao século 20, a Euclides da Cunha, Lima Barreto e ao Modernismo, a partir de *Macunaima*. Serão justamente os símbolos dessa literatura, que ao mesmo tempo busca um lugar e tenta ser a escrita do Brasil. É uma ficção que quase que se envergonha de ser ficcional. Para ser ficção ela tem que estar nesse lugar novo da identidade. O caminho percorrido pela literatura brasileira me fascina muito. É quase que uma vergonha da ficção, da suposta alienação da realidade, da evasão. Ela tinha que estar vinculada à idéia do nacional.

JU – Como o senhor vê a separação do discurso histórico do discurs-

so literário?

De Decca – É um erro, porque são duas narrativas que, do ponto de vista dos seus atributos, são muito semelhantes. O que as separa são os aspectos referenciais, mas, como narrativas, são banhadas dos componentes da imaginação e da ficcionalização. Portanto me interessam os enredos, são as histórias que se contam. Não me interessa se são literárias, se são ficcionais ou historiográficas.

JU – O senhor poderia explicar o porquê do recorte na década de 30?

De Decca – Um dos pontos importantes dessa pesquisa vem se casar

a uma coisa muito feliz. No ano passado, presidi a comissão do centenário do Sérgio Buarque de Holanda, em Campinas. Pesquisando seu acervo que está no Arquivo Central, descobri uma tese inédita. Num primeiro momento nem acreditei que pudesse existir algum escrito inédito, muito menos do porte de uma tese. Como você pode imaginar que uma tese de um dos mais importantes intelectuais do século 20 pudesse ser desconhecida do grande público? E de fato é. Nem sequer acreditei que era de fato um diploma de mestrado. Bons biógrafos do Sérgio, que eu conheço e respeito muito, como a Maria Odila Dias, Franciscos Iglesias e Sueli Robles, ainda que soubessem, nunca deram divulgação. A razão ainda estou por descobrir.

JU – O que o senhor pretende fazer com esse material?

De Decca – Nós estamos negociando sua publicação com a família, mesmo tendo a priori a autorização para publicá-la. Essa minha ida a Portugal também é importante porque talvez eu possa fazer uma pesquisa mais apurada sobre essa obra, que Sérgio Buarque defendeu como tese de mestrado na Escola Livre de Sociologia e Política, de São Paulo, onde se formou Florestan Fernandes. Essa instituição criada por Roberto Simonsen, que é um dos meus personagens principais em *O Silêncio dos Vencidos*, sempre me fascinou. Uma grande geração de intelectuais de São Paulo se formou lá e até hoje é muito pouco estudada. Descobri que Sérgio Buarque defendeu a tese de mestrado em 1957, dois meses antes de defender a de doutorado na USP, que era sobre o famoso livro *A visão do paraíso* [1958].

JU – Sobre o que basicamente trata a tese?

De Decca – O título já é surpreendente. A tese chama-se *Elementos formadores da sociedade portuguesa na época dos descobrimentos*. O que significa dizer o seguinte: aquilo que está esboçado em *Raízes do Brasil* como os elementos formadores da nossa sociedade, é esmiuçado 20 anos depois.

JU – Pode-se afirmar que se trata de uma abordagem mais madura do ponto de vista intelectual e do rigor acadêmico?

De Decca – Sim. Inclusive a minha hipótese, que está cada vez mais se confirmando, é a de que há uma linha de continuidade fantástica entre *Raízes do Brasil* e essa tese de mestrado. Em *Raízes do Brasil* ele esmiuçou de uma maneira muito rica aquela que é a vertente da década de 50, que

é a história social. Aquilo que foi trabalhado à exaustão no território do imaginário em *Visão do Paraíso*, ele dedica ao estudo de uma história social muito ao estilo da Escola francesa dos Annales ao pesquisar os aspectos da cultura e da sociedade portuguesa que vem a fazer a grande aventura do descobrimento.

JU – Qual a chave da tese?

De Decca – É a seguinte indagação: como se formou essa cultura que não gosta de olhar para dentro da sua própria terra e prefere se aventurar pelo mar? Por que Portugal é vazio no interior, como também é o Brasil? É um pouco essa idéia que Sérgio coloca em *Raízes do Brasil* de que nós somos um povo de caranguejos que só fica beirando o litoral e não se adentra no interior em que as entradas e bandeiras são, portanto, a grande experiência de constituição do território, de redefinição da fronteira. E fronteira da cultura, não a fronteira geográfica e territorial.

JU – O senhor acha que essa tese vai oferecer uma nova dimensão para a obra do próprio Sérgio Buarque de Holanda. Qual a sua importância para a historiografia brasileira?

De Decca – Sem dúvida que vai redimensionar o papel de Sérgio Buarque. A importância não é só para a história, mas também para a nossa literatura. Trata-se de um texto literário ainda não trabalhado. E me interessa muito por isso. Os meus dois últimos artigos sobre Sérgio Buarque são para estudar seu texto, as metáforas e as imagens que são produtoras de seu universo narrativo. As figuras de linguagem são muito poderosas na sua obra: o ladrilhador e o sementeiro em *Raízes do Brasil*, por exemplo. São sempre pares de oposições conflitantes, são metáforas de uma força interpretativa que abarcam grandes territórios do passado e da nossa própria cultura. Seu texto merece essa atenção, sobretudo nesse viés sobre o qual ninguém se debruçou para estudar a sua composição.

JU – Quais foram as fontes usadas pelo historiador?

De Decca – O que fascina nesse texto é que ele me parece que só foi possível por ter sido escrito pelo olhar de um espião, daí meu interesse pela metalinguagem. As fontes que são capazes de desnudar aquela Lisboa e outras cidades portuguesas da época dos descobrimentos são viajantes venezianos infiltrados, que faziam relatórios secretos.

Continua nas páginas 6, 7 e 8